



TERRORCRACIA E HACKTIVISMO: O QUE A GUERRA AO TERROR E A PRIMAVERA ÁRABE NOS ENSINARAM SOBRE DEMOCRACIA

TERRORCRACY AND HACKITIVISM: WHAT THE WAR AGAINST TERROR AND THE ARAB SPRING TAUGHT US ABOUT DEMOCRACY

Cassiano Calegari ¹
Priscila Zilli Serraglio ²

RESUMO

Nos últimos 14 anos, o Oriente Médio e o Norte da África passaram por uma série de transições democráticas marcadas por conflitos militares e protestos civis. Estas transições alteraram o alinhamento político de países com históricos ditatoriais que cruzam milênios em alguns dos regimes autocratas, até então tidos como altamente estáveis. O presente estudo visa analisar o fracasso da operação democrática da OTAN no Afeganistão durante a Guerra ao Terror e os vetores de transformação que influenciaram as diversas revoluções na Primavera Árabe para compreender a formação destas novas democracias. Os métodos utilizados para tanto são o dedutivo e monográfico e a técnica de pesquisa é a bibliográfica.

Palavras-chave: Democracia; Guerra ao Terror; Oriente Médio; Primavera Árabe.

ABSTRACT

In the last 14 years the Middle East and North Africa have went through a series of democratic transitions marked by military conflict and civil protests. These transitions altered the political alignment of countries with millenary dictatorial historic in some autocratic regimes regarded, until then, as highly stable. This study aims to analyze the failure of NATO's democratic operation in Afghanistan during the War on Terror and the transformation vectors that influenced the various revolutions in the Arab Spring to understand the shaping of these new democracies. The chosen method is deductive and monographic and the research technique is bibliographic.

Key-words: Democracy; War against Terror; Middle East; Arab Spring.

INTRODUÇÃO

Mais de 350.000 pessoas mortas diretamente e incontáveis mortes colaterais, um custo de 4,4 trilhões de dólares. 220.000 mortes de civis que não estavam direta ou

¹ Advogado, mestrando em direito (IMED). E-mail cassianoc@legari.org; telefone (54) 9952-6228.

² Advogada. Mestranda do PPGD da Faculdade Meridional - IMED, bolsista PROSUP-CAPES. E-mail: pris_zs@hotmail.com.



indiretamente envolvidos em confrontos armados no Afeganistão, Iraque e Paquistão. 9.800 soldados americanos mortos e 970.000 com sequelas físicas ou mentais até 31 de março de 2014. Estes são os resultados quantitativos da Guerra ao Terror iniciada em 8 de outubro de 2001 visando a derrota do Talibã, a criação de um governo afegão e a captura de um homem, o Osama Bin Laden³.

A Guerra ao Terror não constituiu o maior conflito a assolar o Oriente Médio (ou sequer um dos dez maiores), uma região historicamente muito conturbada por suas Guerras Santas e conflitos culturais, porém este constitui o maior conflito armado a ser realizado sob a justificativa da expansão democrática e derrubada de um governo ditatorial.

Após alguns anos, a menos de 2000km do epicentro da Guerra ao Terror, em uma das regiões com a maior tradição absolutista da história humana, iniciar-se-ia uma reforma democrática impulsionada, não por um conflito armado, mas, pela indignação de alguns países oprimidos por regimes ditatoriais e Estados religiosos.

O presente estudo visa elucidar o método de abordagem destas duas reformas democráticas (a Guerra ao Terror e a Primavera Árabe), para compreender a construção da democracia em Estados de tradição ditatorial islâmica e a eficácia dos métodos de expansão democrática constatados em ambas as transições. O método utilizado no desenvolvimento deste estudo é o dedutivo e a técnica de pesquisa é a bibliográfica.

1 GOVERNMENT IN A BOX: GUERRA AO TERROR E A DEMOCRACIA AFEGÃ

“Guerra ao Terror” é um termos que se refere à fase mais recente da Guerra do Afeganistão, estendendo-se de 2001 a 2014. Seu início ocorreu com a invasão americana, em retaliação aos ataques de 11/09/2001 pela al-Qaeda, organização terrorista com bases de operação no país. Seu objetivo era dismantlar a al-Qaeda e remover o suporte às suas operações expulsando o Talibã do controle do Afeganistão.

³ WATSON INSTITUTE, 2014.



Logo após os incidentes de 11 de setembro, George W. Bush, então presidente americano, ordenou ao Talibã que entregasse Osama Bin Laden ao governo americano para julgamento, assim como que exterminasse as células da al-Qaeda do território afegão. A resposta Talibã veio através de um pedido a Osama Bin Laden para que este se retirasse do território afegão, entretanto, houve uma negativa de sua extradição até que os americanos apresentassem provas de seu envolvimento no 11 de setembro⁴.

O contraponto americano veio através de uma recusa de negociar com os Talibãs, declarando-os terroristas e lançando uma incursão armada com apoio do Reino Unido, em 07/10/2001, chamada “Operation Enduring Freedom”. A incursão passou, em agosto de 2003, a receber apoio militar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Estas operações militares resultaram em uma expulsão tanto da al-Qaeda quanto do Talibã de solo afegão, tendo a maior parte de seu contingente fugido para território Paquistanês ou para as regiões montanhosas remotas do Afeganistão.

As iniciativas de construção de um governo democrático no Afeganistão tiveram início em dezembro de 2001, logo após a invasão americana com a criação da ISAF (International Security Assistance Force), uma unidade militar controlada pela OTAN (a partir de 2003) responsável por treinar as forças de Segurança Nacional afegãs. Ainda em dezembro, em uma conferência com líderes afegãos, chamada de “Conferência de Bonn”, Hamid Karzai foi designado como líder temporário do Afeganistão, até que eleições fossem realizadas. Karzai passou a substituir o governo Talibã, uma organização política islâmica que controlou o país desde 1996. Em 2004, foram realizadas eleições para a presidência do país, resultando na eleição de Karzai como presidente da recém fundada República Islâmica do Afeganistão.

Embora a remoção do Talibã do governo afegão tenha sido rápida, sua extinção se mostrou uma tarefa muito mais complexa do que o previsto pelos planos americanos. Após a reforma política do Afeganistão, células talibãs passaram a realizar ataques com técnicas de guerrilha às forças da ISAF e às tropas de Segurança Nacional afegãs. Estes ataques expandiram a influência do Talibã nas vilas do interior do Afeganistão, resultando em uma guerra pontual pelo controle e liberação das vilas afegãs sob domínio Talibã.

Logo no início da república, o Talibã passou a se beneficiar da corrupção política crescente para ganhar o apoio das regiões rurais do Afeganistão, que passaram a resistir ao

⁴ THE GUARDIAN, 2001.



controle americano/afegão em prol dos ideais islâmicos extremistas talibãs⁵. Desta forma, a reforma democrática do Afeganistão passou por uma fase de quase estagnação em que, embora sua capital, Cabul, estivesse sob controle dos Estados Unidos e do governo afegão de Karzai, o restante do país ainda resistia à mudança, apoiando o governo de fato talibã.

Para se compreender a resistência das regiões rurais afegãs a se submeterem ao governo de Karzai, é necessário estudar a formação política do Afeganistão⁶. Não se trata de uma nação estruturada sob um governo central e influente, mas um grande mosaico de subculturas e células de poder político. Conquistar Cabul e remover o Talibã do governo oficial do Afeganistão foram eventos muito mitigados pela formação política afegã, em que muitas das tribos e vilas ainda se encontravam sob controle político e cultural do grupo. Ocorre que, devido à descentralização política, qualquer ataque ao governo afegão possui influência apenas em nível local, necessitando uma efetiva unificação política para que táticas tradicionais sejam bem sucedidas.

Desta forma, a reforma política do Afeganistão passou para sua segunda fase, composta por conflitos armados nas aldeias sob controle Talibã. Esta incursão esbarrou em um dos problemas da democracia: é muito difícil explicar o funcionamento de um governo democrático para alguém alheio à civilização moderna. As tribos afegãs, reguladas por costumes milenares e lideradas por seus anciões não apenas eram incapazes de compreender o funcionamento da democracia, mas não possuíam interesse em modificar seus costumes. Desta forma, de nada adiantaria falar sobre os benefícios de um governo democrático para povos sem um referencial da forma de vida moderna. Também, não era viável explicar o funcionamento da administração municipal moderna, com seus três poderes e a complexa estrutura democrática, logo a ser descartado em prol dos métodos tradicionais.

Ao mesmo tempo em que muitas tribos estavam descontentes com o controle talibã e sua interferência nas políticas locais, estas também não possuíam motivo algum para confiar nas forças armadas americanas, com quem sequer compartilhavam um laço cultural ou idioma comum. Este cenário é ilustrado pela operação em Marjah, que constitui o teste

⁵ THE SCOTSMAN, 2010.

⁶ Embora a Cabul moderna possa conter traços modernos, qualquer semelhança com a modernidade, entretanto, termina ali. O restante do Afeganistão é composto, em sua grande maioria, por pequenos vilarejos em áreas rurais controlados por tribos governadas por seus anciões ou tribos nômades completamente alheios a ideais materialistas (SANGER, 2012).



prático da estratégia de Obama para o controle das vilas afegãs, a qual visava remover os talibãs da área, estabelecer controle sob a região, construir as bases para a implementação de um governo local e, após estável, transferir para o controle afegão.

Para o exército americano e as forças da OTAN, liberar e manter as vilas afegãs não era o principal problema, mas o fato de que imediatamente após partirem da região, esta era retomada pelo Talibã, tornando todos os esforços de guerra em vão. Da mesma forma, não era fisicamente viável manter controle militar sobre todas as vilas e povoados afegãos por questões logísticas e econômicas. Portanto, a fase final da estratégia, de transferir o controle ao governo afegão, constitui um elemento crucial para a eficácia da reforma política, do contrário, após as tropas se retirarem da região tudo voltaria ao seu estado anterior.

Marjah, uma cidade rural no sul do Afeganistão, com cerca de 80.000 habitantes⁷, constituía um ponto logístico importante para o Talibã, que exercia forte pressão militar sob a região, o que eventualmente desgastou suas relações com a comunidade local. Isso, entretanto, não significava que a população local estaria disposta a apoiar os estrangeiros armados que tentavam implementar um novo governo em seu território⁸.

Apesar das dificuldades, Marjah constituía um importante ponto estratégico e, portanto, sua ocupação bem sucedida representaria uma grande vitória na guerra contra o Talibã, sendo escolhida como experimento prático da estratégia de ocupação militar do governo Obama. No primeiro semestre de 2010, Marjah se tornou a maior operação militar desde o início da Guerra, com mais de 15.000 soldados combatendo o Talibã.

A estratégia consistia em, logo após controlar a cidade e expulsar os Talibãs, implementar o foi chamado de “governo em uma caixa” (Government in a box). Esta caixa continha uma série de agentes civis selecionados por Karzai e instruídos para assumir as funções administrativas locais, incluindo funcionários públicos, juizes, polícia, professores e projetos de engenharia relacionados a infraestrutura básica. Desta forma, haveria uma implementação rápida de um modelo administrativo moderno sem a necessidade de educar a população local, com a esperança de que esta apreciaria os benefícios de sua nova administração e assim permanecesse, aprendendo com o exemplo prático⁹.

⁷ PORTER, 2010.

⁸ SANGER, 2012.

⁹ (SANGER, 2012).



Durante o experimento em Marjah, os EUA passaram a sofrer fortes pressões de Karzai, que ameaçou juntar-se ao Talibã caso sofresse maior pressão estrangeira acerca de sua administração e reforma política¹⁰. Portanto, o envolvimento estrangeiro em sua política interna era justificável, pois, sem o apoio do povo afegão ao governo de Karzai, qualquer esperança de uma reforma política efetiva seria em vão. Nesse cenário conturbado, os EUA e as forças da OTAN depositavam suas esperanças de mudança em Marjah.

Com um presidente corrupto ameaçando se juntar ao Talibã de um lado, e um grupo extremista islâmico disposto a retomar o poder do outro, as perspectivas de qualquer forma de sucesso na Guerra ao Terror sem Marjah eram remotas. Entretanto, em se efetuando uma reforma política efetiva em Marjah através da nova estratégia de implementação administrativa (Government in a box), haveria um precedente para a expansão democrática e política no Afeganistão, bastando apenas seguir o manual para a instalação de um governo efetivo. Após a consolidação de uma forma de governo centralizada, seria possível um combate ao Talibã, que perderia sua influência sob a política local.

Com o passar do tempo, após expulsar o Talibã de Marjah e instalar seu novo governo, a cidade passou a se estabilizar politicamente. Após um ano do início da operação, voluntários se alistavam nas forças de segurança da nova república, ato que enfureceria o Talibã e garantiria seu extermínio caso este retornasse ao comando da cidade, mas demonstrava que sua população começava a resistir à política de terror do talibã.

O período de liberação e implementação política da reforma de Marjah durou 2 anos - um experimento bem sucedido em certo grau, mas insuficiente para alterar o curso da guerra. Embora a instalação de um governo tenha sido possível, sua manutenção vinha ao custo do constante policiamento da OTAN, não resolvendo o problema de transferência e necessitando vigilância permanente. Da mesma forma, não era cronologicamente viável dedicar dois anos de operação para reformar cada vila afegã sob controle talibã.

¹⁰ Durante a administração Karzai, o Afeganistão passou da 117ª posição (em 2005) para a 176ª (em 2010, considerado o 3º país com maiores índices de corrupção na época) no índice de transparência da Transparency International. (CBS NEWS, 2010).



A Marjah 3 anos após a operação americana constitui um quadro muito distinto daquele almejado pela OTAN, com os cidadãos temendo saírem de suas casas à noite devido aos saqueadores que habitam as ruas da cidade. Mesmo durante o dia, não há segurança em razão do suborno policial aos cidadãos para garantir-lhes proteção. Isso propiciou a sensação social de que os cidadãos estavam melhores com o governo talibã e suas leis extremistas, que sob a nova administração do governo corrupto de Karzai¹¹.

Em novembro de 2010, foram concluídos os planos de retirada americanos, prevendo a remoção completa das tropas da OTAN e americanas até 2014, sob a promessa de que Karzai asseguraria uma transição segura para as forças de defesa afegãs manterem a governabilidade do país. Esta retirada, entretanto, estava mais embasada em questões econômicas que na capacidade de Karzai assegurar a segurança do Afeganistão¹².

2 WIKILEAKS E A PRIMAVERA ÁRABE: COMO UM WEBSITE DERRUBOU SEIS DITADORES

Enquanto a operação em Marjah ocorria, outro movimento de reforma se iniciava no mundo árabe, que nos faz repensar o que acreditávamos compreender sobre o nascimento de democracias e repúblicas. Este teve origem na Tunísia, um país ao norte da África, de etnia árabe e com um histórico ditatorial de mais de 50 anos, sem ter tido qualquer experiência democrática desde sua unificação.

O governo da Tunísia estava a cargo do presidente Zine El Abidine Ben Ali desde 1987, seu mandato era assegurado com poderio militar e eleições fraudulentas na qual Ben Ali sempre acabava reeleito com mais de 90% dos votos. Embora governada por um presidente autocrata e corrupto, a Tunísia, que possui uma economia em ascensão¹³, demonstrava um crescente descontentamento com a “democracia de aparência” de Ben Ali, que maquiava o quadro político e escondia a corrupção do governo, mantendo seu governo estável.

¹¹ (ASSOCIATED PRESS, 2012).

¹² (SANGER, 2012).

¹³ (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2012).



Contudo, em 2010, a WikiLeaks, um website destinado à publicação de conteúdo confidencial, publicou uma série de documentos escritos por diplomatas americanos na Tunísia, revelando a verdadeira situação política do país. Os documentos continham diversos relatos de abuso de poder e corrupção por Ben Ali e sua família. Ao tomar conhecimento destes, Ben Gharbia, opositor ao governo, passou a traduzi-los e publicá-los no Tunileaks, sua recém criada versão tunisiana do WikiLeaks¹⁴.

Os documentos deixavam claro o desgosto dos diplomatas americanos pelos abusos do então presidente e a reprovação de sua forma de governo; contudo, os relatórios públicos não demonstravam, por motivos de geopolítica, esta mesma indignação. Em um documento de julho de 2008, intitulado “O que é seu é meu” (What’s yours is mine), o então embaixador americano na Tunísia reportava a família de Ben Ali como “quasi-mafia”, contendo diversos casos de corrupção e abuso de poder realizados pelo presidente e sua família. Os vazamentos publicados pela Wikileaks tratavam-se da confirmação dos rumores e suspeitas da população tunisiana, que eram abafados pela censura ditatorial¹⁵.

Com o aumento das tensões causadas pelo descontentamento cumulativo, pela constatação da magnitude dos abusos de Ben Ali e a certeza de que o ditador não possuía apoio americano, o cenário político da Tunísia passou por um rápido período de crescente agitação. Apenas duas semanas após a criação do Tunileaks, com a tradução dos documentos americanos, uma policial tunisiana apreendeu o carrinho de venda de vegetais de Mohamed Bouazizi, um vendedor de rua de 26 anos, quando este se recusou a pagar ao suborno exigido pela policial. Bouazizi, humilhado e incapaz de alimentar sua família, derramou gasolina sobre seu corpo e ateou fogo em frente à prefeitura municipal, vindo a falecer 18 dias após o ato, em decorrência das queimaduras¹⁶.

Imediatamente, em 18/12/2010, uma série de protestos irromperam na Tunísia, tendo Bouazizi como mártir e estopim da revolução, primeiramente em âmbito regional, protestando contra o tratamento dado a Bouazizi. Logo os protestos atingiram âmbito nacional, reivindicando uma reforma democrática no país e a renúncia de Ben Ali, que decretou estado de emergência e fugiu do país.

¹⁴ SANGER, 2012.

¹⁵ No original: “The economic impact is clear, with Tunisian investors - fearing the long-arm of ‘the Family’ - forgoing new investments, keeping domestic investment rates low and unemployment high.”. (WHITE, 2011).

¹⁶ (THORNE, 2011).



O governo de Ben Ali foi incapaz de conter os protestos, resultando na renúncia da maioria de seus Chefes de Estado e, em 23/10/2011, na realização de eleições legítimas e reforma política. A revolução resultou na morte de 338 pessoas e 2147 feridos. Ben Ali foi condenado à prisão perpétua, na Tunísia, em um julgamento no qual não compareceu, por estar exilado na Arábia Saudita, país que não respondeu aos pedidos de extradição do governo tunisiano¹⁷.

Durante a revolução tunisiana, outro movimento revolucionário, a cerca de 2000km, se iniciava no Egito, ganhando grandes proporções em 25/01/2011, em oposição ao governo ditatorial e opressor do então presidente Hosni Mubarak, que governou o país por 30 anos¹⁸. A revolução teve início com protestos contra a brutalidade policial no simbólico 25 de janeiro, dia nacional da polícia, reunindo-se na praça de Tahir, localizada no Cairo. O protesto mobilizou cerca de 80.000 pessoas e, após 3 dias de manifestações, houve uma recuada da polícia, incapaz de conter a grande magnitude do protesto, resultando na chegada do exército e na instituição de um toque de recolher nas ruas.

As manifestações do dia nacional da polícia foram organizadas através da internet, em redes sociais, principalmente através do Twitter e Facebook. Inicialmente, a revolução seguia o exemplo tunisiano, com o slogan “Em nome de Allah, a resposta é Tunísia”, após alguns dias de protesto, conforme o movimento ganhava força, este modificou-se para “Em nome de Allah a resposta se tornou Egito”¹⁹.

Em uma tentativa desesperada para frear as manifestações, Mubarak decretou o desligamento da internet no país, bloqueando todo o tráfego da rede, em 28 de janeiro²⁰. O ato presidencial enfureceu a população egípcia e atraiu a atenção do grupo Anonymous, uma organização hacktivista destinada à proteção da liberdade da informação, que passou a utilizar suas células no Egito para a criação de uma rede provisória de acesso à internet, distribuindo panfletos instruindo a população a burlar a restrição governamental. Em seguida, foram realizados ataques a websites governamentais egípcios, derrubando-os. O grupo também passou a disponibilizar notícias impressas para a população sem acesso à internet, combatendo a propaganda e desinformação de Mubarak²¹.

¹⁷ ASSOCIATED PRESS, 2012.

¹⁸ BBC, 2014.

¹⁹ SANGER, 2012.

²⁰ WILLIAMS, 2011.

²¹ WAGENSEIL, 2011.



Ordenados pelo presidente Mubarak, o exército deveria conter as manifestações com munição letal, entretanto, este se recusou a cumprir as ordens de atirar em civis - recusa devida em parte à inteligência americana, que havia treinado muitos dos chefes militares das Forças Armadas egípcias, aconselhando-os a não abrir fogo contra civis, ato que não seria visto com bons olhos pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional²².

Uma semana após o início dos protestos, um grupo leal a Mubarak tomou as ruas do Cairo, armados e ameaçando os manifestantes. Neste momento, o exército egípcio passou a defender os manifestantes, atirando saraivadas de aviso contra os defensores de Mubarak, que recuaram e se dissiparam. Este foi um momento crucial na alteração do balanço de poder da revolução²³.

Em 11/02/2011, Mubarak renunciou à presidência do Egito, determinando que as forças armadas seriam responsáveis por estabelecer um novo governo. Estas, em resposta às demandas dos manifestantes, dissolveram o parlamento e suspenderam a Constituição de Mubarak. O conselho formado pelas forças armadas declarou que ficaria no poder por seis meses até que eleições pudessem ocorrer.

Durante este período, os protestos continuaram, opondo-se ao conselho militar que governava o país provisoriamente. Em 19 de março, foi aprovada a nova Constituição do Egito, com 77,27% dos votos e, alguns dias depois, aprovada uma lei tornando protestos ilegais, o que resultou em um novo protesto na praça de Tahir com cerca de 4.000 participantes, demandando que o conselho militar fosse mais célere em dismantelar o restante do governo e o julgamento dos antigos governantes.

A primeira eleição após a renúncia de Mubarak ocorreu em 23 de maio. Após o segundo turno das eleições, em 16 de junho, Mohamed Morsi, representante da Irmandade Muçulmana, foi eleito presidente²⁴. Em menos de 2 anos, Morsi foi removido do poder após milhões de egípcios tomarem as ruas do Cairo exigindo sua renúncia face à sua tentativa de elaborar nova Constituição para garantir os interesses da Irmandade Muçulmana. Adly Mansour, um civil, foi declarado presidente temporário e chefe do Judiciário até novas eleições²⁵. Em janeiro de 2014, foi aprovada a nova Constituição do Egito através de um

²² SANGER, 2012.

²³ SANGER, 2012.

²⁴ LONDOÑO e BRULLIARD, 2012.

²⁵ (SALEH, 2013).



referendo popular com 98,1% dos votos. Em 26/05/2014, novas eleições presidenciais encerraram com a vitória de Abdel Fattah el-Sisi, comandante das forças armadas egípcias.

Seguindo a onda revolucionária, foram derrubados ditadores na Líbia e no Iêmen, com revoluções ocorrendo também em Bahrein, Síria, Argélia, Iraque, Jordão, Kuwait, Marrocos, Israel e Sudão, resultando no quadro revolucionário que foi denominado Primavera Árabe. As revoluções foram coordenadas principalmente através da internet, por meio de redes sociais com extensiva participação e coordenação por parte do grupo Anonymous e fortemente influenciadas pela WikiLeaks.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - GUERRA AO TERROR VERSUS HACKTIVISMO, O QUE APRENDEMOS

Embora a Primavera Árabe e a Guerra ao Terror sejam dois eventos com interesses e ramificações políticas inegavelmente distintas, ambos possuem uma similaridade em seus objetivos imediatos, visando implementar uma forma de governo democrático.

A grande diferença entre os dois cenários está na composição de sua sociedade. As comunidades árabes onde ocorreu a reforma democrática estavam fortemente influenciadas pela mídia internacional, com acesso à internet e, portanto, familiarizadas com a forma de vida e de governo das nações democráticas, o que fez com que o povo, mesmo nunca tendo experimentado uma real democracia, a almejasse e conhecesse, quase instintivamente, seu funcionamento. Portanto, a onda de reformas democráticas desencadeada pela Tunísia em 2011 se espalhou muito antes pelo ciberespaço que por fronteiras geográficas. A reforma tunisiana foi o exemplo de que era possível modificar o cenário político na região, impulsionando seus vizinhos a garantirem seus interesses políticos através de manifestações em redes sociais.

Em ambos os casos houve atuação americana. Na Guerra ao Terror do Afeganistão, esta foi essencialmente bélica. Na Primavera Árabe, por outro lado, a atuação americana foi indireta, direcionando a atuação dos Chefes de Estado e Forças Armadas através de inteligência e apoiando publicamente a revolução. Desta forma, a reforma não foi imposta,



mas realizada pelo povo em convergência com seus interesses e aprendendo com seus erros, uma transição muito mais suave que a afegã.

Um elemento fundamental para a superação destes regimes historicamente ditatoriais foi a disponibilidade de informação imparcial, que criou uma resistência àquele discurso político característico dos ditadores. Um ponto decisivo na revolução egípcia foi a capacidade dos grupos revolucionários de se articularem para contornar a censura instaurada sobre a internet e garantir o acesso da população a notícias legítimas.

Observa-se, portanto, uma tendência de superação da lexis através da informação. A Primavera Árabe pode marcar almejada superação do preconceito através da educação - portanto, da informação²⁶. Demonstrando que as maiores armas contra a opressão são justamente a informação e a comunicação, tanto na Tunísia quanto no Egito, as revoluções foram iniciadas após a publicação de dados confirmando os temores públicos sobre a corrupção de seus governos ditatoriais, ambas organizadas através da internet.

Perceber o poder de reforma da informação foi o que gerou iniciativas como a criação da WikiLeaks, crucial para a Primavera Árabe. Não é surpresa que, ao perceber o grande poder político da internet, organizações tenham se formado para proteger a liberdade de informação na rede, aqui incluído o grupo Hackativista Anonymous, atuando como um grupo militar lógico ao realizar medidas contra manobras de censura Estatal.

A Guerra ao Terror demonstra que a democracia não pode ser “instaurada” nem pode-se abrir uma “caixinha” democrática com cargos públicos em um vilarejo autoritário e esperar que esta floresça. A democracia, antes de tudo, vem da informação, constituindo a imposição de qualquer forma de governo, mesmo democrático, um ato tão autoritário quanto qualquer ditadura.

Presumir que a democracia é uma forma de governo última ou ideal para todas as civilizações é tão extremo quanto presumir que Allah é o único e verdadeiro criador do universo. Desta forma, a reforma democrática americana constituiu um ato político mais ilegítimo que o domínio talibã que, embora opressor, ao menos fora um resultado histórico de interesses (talvez conturbados) de parte daquela população.

O fracasso da Guerra ao Terror não assinala o fracasso da democracia no Afeganistão, mas apenas que há culturas que não estão dispostas a seguir regimes democráticos. Um possível resultado de não terem sofrido as mesmas interferências sociais

²⁶ ARENDT, 1993, p. 29.



e políticas das nações democráticas ou que passaram por reformas democráticas. A grande lição, portanto, é que antes de tentar distribuir governos encaixotados, dever-se-ia distribuir caixas com computadores e acesso à rede ao Afeganistão, estas muito provavelmente promoveriam uma reforma democrática mais eficaz e barata após um “AfeganiLeaks” expor o Talibã.

Reformas democráticas e revoluções constituem eventos singulares e muito voláteis. Compreende-las e, principalmente, as antecipar é uma tarefa tão ambiciosa quanto identificar os vetores de influência da sociedade moderna. A Primavera Árabe foi uma série de eventos únicos e historicamente muito improváveis que ocorreu em um curto espaço de tempo e teve influência de atores improváveis, como a WikiLeaks e o Anonymous, uma reviravolta imprevisível para qualquer organização de inteligência, por melhor aparelhada que fosse.

Por outro lado, a reforma política no Afeganistão frustrou qualquer previsão em um sentido oposto, demonstrando que uma reforma democrática não é uma tarefa simples de se realizar, não bastando injetar dinheiro na economia local e construir a estrutura do governo. A formação da democracia está muito mais intimamente relacionada com as experiências humanas e a formação da sociedade que com os dígitos do PIB ou a existência de um prédio da prefeitura ou fórum.

Não há uma caixa que possa comportar a democracia, ela não é composta por um governo, mas por ideais que transcendem a própria organização política, algo que não pode ser comprado nem implementado, mas apenas apreendido. A informação derrubou seis dos governos mais autoritários que a história já presenciou, rompendo com uma tradição de mais de 5000 anos sem armamentos da OTAN ou auxílio econômico.

Portanto, a melhor maneira de combater as ditaduras não é atacar os ditadores ou construir prefeituras, mas proteger a rede. Uma vez ligado à rede, inicia-se um processo irreversível de homogeneização política e cultural, para bem ou para mal.



REFERÊNCIAS

- AMIRY, S. Afghan Economic Development Since 2001. **Tolo News**, 2014. Disponível em: <<http://www.tolonews.com/en/afghanistan/16528-afghan-economic-development-since-2001>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- ARENDR, H. **A Dignidade da Política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.
- _____, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- ASSOCIATED PRESS. Afghans in Marjah prefer Taliban rule. **SFGATE**, Dez. 2012. Disponível em: <<http://www.sfgate.com/world/article/Afghans-in-Marjah-prefer-Taliban-rule-4110400.php>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- _____. Report: 338 killed during Tunisia revolution. **Fox News**, 2012. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/world/2012/05/05/report-338-killed-during-tunisia-revolution/>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- BBC. Profile: Hosni Mubarak. **BBC News**, 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-12301713>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- CBS NEWS. Anonymous' most memorable hacks. **CBS News**, 2011-2015. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/pictures/anonymous-most-memorable-hacks/9/>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- _____. Karzai Threatened to Join Taliban, Sources Say. **CBS News**, 2010. Disponível em: <<http://www.cbsnews.com/news/karzai-threatened-to-join-taliban-sources-say/>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- INTERNATIONAL MONETARY FUND. Report for selected countries and subjects. **International Monetary Fund**, 2012. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/01/weodata/weorept.aspx?pr.x=38&pr.y=8&sy=2009&ey=2012&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=744&s=NGDPD%2CNGDPDPC%2CPPPGDP%2CPPPPC%2CLP&grp=0&a>>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- LACHANCE, D. Candy Bomber Making Drop for Children at Show. **PBS News**, 1990. Disponível em: <http://www.pbs.org/wgbh/amex/airlift/sfeature/candy_06.html>. Acesso em: 5 fev. 2015.
- LONDOÑO, E.; BRULLIARD, K. Islamist wins Egyptian presidency. **The Washington Post**, 2012. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/world/middle_east/morsi-named-new-egyptian-president/2012/06/24/gJQAMZaazV_story.html>. Acesso em: 5 fev. 2015.



PORTER, G. **POLITICS: Fiction of Marja as City Was U.S. Information War.** **Inter Press Service**, 2010. Disponível em: <<http://www.ipsnews.net/2010/03/politics-fiction-of-marja-as-city-was-us-information-war/>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

SALEH, Y. **Special Report: Mursi's downfall.** **Reuters**, 2013. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2013/07/05/us-egypt-protests-downfall-specialreport-idUSBRE9640SP20130705>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

SANGER, D. E. **Confront and Conceal: Obama's Secret Wars and Surprising Use of American Power.** Nova lorque: Broadway, 2012.

THE GUARDIAN. **Bush rejects Taliban offer to hand Bin Laden over.** **the guardian**, 14 out. 2001. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2001/oct/14/afghanistan.terrorism5>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

THE SCOTSMAN. **Karzai's Taleban talks raise spectre of civil war warns former spy chief.** **the scotsman**, 29 set. 2010. Disponível em: <<http://www.scotsman.com/news/karzai-s-taleban-talks-raise-spectre-of-civil-war-warns-former-spy-chief-1-823070>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

THORNE, J. **Bouazizi has become a Tunisian protest 'symbol'.** **The National**, 2011. Disponível em: <<http://www.thenational.ae/world/tunisia/bouazizi-has-become-a-tunisian-protest-symbol>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. **CORRUPTION PERCEPTIONS INDEX 2005.** **transparency.org**, 2005. Disponível em: <http://www.transparency.org/research/cpi/cpi_2005/0/>. Acesso em: 5 fev. 2015.

WAGENSEIL, P. **Anonymous "hacktivists" attack Egyptian websites.** **NBC News**, 2011. Disponível em: <http://www.nbcnews.com/id/41280813/ns/technology_and_science-security/t/anonymous-hacktivists-attack-egyptian-websites/>. Acesso em: 5 fev. 2015.

WATSON INSTITUTE. **Over 350,000 Killed by Violence, \$4.4 Trillion Spent and Obligated. Costs of War**, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.costsofwar.org>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

WHITE, G. **This Is The Wikileaks That Sparked The Tunisian Crisis.** **Business Insider**, 2011. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/tunisia-wikileaks-2011-1>>. Acesso em: 5 fev. 2015.

WILLIAMS, C. **How Egypt shut down the internet.** **The Telegraph**, 2011. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/africaandindianocean/egypt/8288163/How-Egypt-shut-down-the-internet.html>>. Acesso em: 5 fev. 2015.